



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Estética, Arte e Belo: uma relação para além do ambiente escolar

Por: Bibiano Francisco Elói Júnior¹
bibianoejunior@gmail.com

Resumo

Faz-se necessário promover a arte, não apenas na escola. Promover a arte como atividade emancipatória. Esta é a finalidade deste texto, redefinir os conceitos por meio da arte, resgatar o verdadeiro significado da estética para nós, para nossa vida. Promover em qualquer indivíduo o interesse pelo belo. A fruição e apreciação da arte. Destacamos a importância da arte para além do ambiente escolar. Nosso intuito é despertar o belo por meio da sensibilidade, é revelar o olhar sensível e adormecido que habita em nós. Nossos jovens estão cada dia mais seduzidos pelo modismo, pela mídia e deixando de lado a verdadeira essência poética do belo. É necessário oferecer a possibilidade percepção real da arte, sobre o que é belo por meio de conceitos artísticos e estéticos.

Palavras-chaves: Educação. Sensibilidade. Valorização.

Resumo

Estas necese promocii la arton, ne nur en la lernejo. Promocii arton kiel emancipador aktiveco. Tiu estas la celo de tiu teksto, redifini la konceptoj tra arto, liberigos la vera signifo de estetiko por ni, por niaj vivoj. Promocii ajna individua intereso en la bela. La ĝuado kaj aprezo de arto. Ni elstaras la gravecon de arto preter la lernejo medio. Nia celo estas vekti la bela tra sentiveco, estas malkaŝi la sentema okulo kaj dormanta, logxanta en vi. Niaj junuloj estas ĉiutage pli allogita de la tamburego, la amaskomunikiloj kaj flanklasante la vera poezia esenco de beleco. Estas necese proponi la eblon reala percepto de arto, kio ĝi estas bela tra arta kaj estetika konceptoj.

Ŝlosilvortoj: Edukado; Sentemo; Taksado.

Abstract

It is necessary to promote the art, not only in school. Promote art as an emancipatory activity. This is the purpose of this text, redefine the concepts through art, redeem the true meaning of aesthetics for us, for our lives. Promote any individual interest in the beautiful. The enjoyment and appreciation of art. We emphasize the importance of art beyond the school environment. Our aim is to awaken the beautiful through sensitivity, it is to reveal the sensitive eye and asleep that dwells in us. Our young people are every day more seduced by the hype, the media and leaving aside the true poetic essence

¹ É doutorando em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, é Mestre em Educação pela Universidade Maria Auxiliadora – UNISAL, é especializando em MBA Profissional em Gestão de Recursos Humanos pela Escola Superior Aberta do Brasil – ESAB, é Especialista em Metodologia de Ensino de Arte pelo Grupo UNINTER, é Especialista em Psicopedagogia Educacional pela Universidade Iguazu – UNIG, é Graduado e Licenciado em Educação Artística pelo Centro Universitário de Araras Dr. Edmundo Ulson – UNAR, é Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário Araras Dr. Edmundo Ulson – UNAR, é Graduado e Licenciado em Matemática pela mesma instituição, é Graduado em Administração pelo Centro Regional Universitário Espírito Santo do Pinhal – UNIPINHAL e é Técnico em Artes Cênicas pela INCENNA – Escola de Teatro e Televisão – INC. Atua como professor nas disciplinas de Fundamentos da Orientação Educacional, EJA, Metodologia e conteúdo de ensino de arte I e II, Planejamento Educacional e Tópicos temáticos em arte e educação, nas Faculdades Integradas Einstein – FIEL. Atua como Coordenador do curso de Administração do Instituto Superior de Itapira – IESI.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

of beauty. It is necessary to offer the possibility real perception of art, what it is beautiful through artistic and aesthetic concepts.

Keywords: *Education; Sensitivity; Valuation.*

O Belo na Arte

A imagem do belo, enquanto imagem do uno e do diverso, surge como emancipação da angústia perante a totalidade esmagadora e a opacidade da natureza. Esse terror perante ela liberta-o o belo em si, em virtude da sua impermeabilidade frente ao existente imediato, mediante a criação de uma esfera do intocável; as obras tornam-se belas por sua oposição à simples existência.
(ADORNO, 1970, p. 66)

É impossível falar de belo, sem antes explicitar o conceito de estética. A palavra estética origina-se do grego *aisthesis*, refere-se a tudo que pode ser percebido por meio dos sentidos. A teoria do belo e de suas manifestações, conotação que a estética tem atualmente, foi apresentada pela primeira vez no século XVIII por Alexander Baumgarten. (ENGELMANN, 2008).

Baumgarten citado por Duarte (1997) refere-se à estética como a arte de pensar de modo belo, “[...] é a ciência do conhecimento sensitivo.” (BAUMGARTEM, 1997, p. 75). A aplicação da estética artística voltada para o natural torna-se maior quando apresenta possibilidades como: preparar pela percepção um material conveniente às ciências do conhecimento; adaptação desses conhecimentos à capacidade de compreensão de qualquer indivíduo; estender conhecimento além dos limites que conhecemos; fornecer princípios para estudo contemplativo espiritual e para as artes liberais e superar na vida comum a meditação sobre as coisas, mesmo que hipóteses se apresentem semelhantes.

A arte, apresentada por Hegel (1991), sempre foi para o homem um instrumento de conscientização das ideias e dos interesses mais nobres do espírito. Muitas vezes o belo aparece na representação como origem acidental de mera adesão subjetiva.

Podemos distinguir na arte ocidental três tipos de regimes de identificação assim denominados por Rancière (2009). O primeiro regime destacado pelo autor é o regime ético das imagens. Não há identificação da arte como tal, as imagens neste caso são objetos de dupla questão: quanto à origem – teor de verdade; e quanto ao seu destino: os usos e efeitos que por ela induzidas. “Pertence a esse regime a questão das imagens da divindade, do direito ou proibição de produzir tais imagens, do estatuto e significado das que são produzidas.” (RANCIÈRE, 2009, p. 28).

O segundo regime apresentado por Rancière (2009) é denominado regime poético ou representativo das artes. Há identificação da arte, e do “antes” da arte como pares *poiesis/mímesis* –



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

processos de criação e imitação. Um princípio voltado para o isolamento na maneira de fazer certas artes particulares que executam imitações. Essas imitações não se enquadram em produtos das artes, nem regem verdade sobre discursos e imagens. “É o *feito* do poema, a fabricação de uma intriga que orchestra ações representando homens agindo, que importa, em detrimento do *ser* da imagem, cópia interrogada sobre seu modelo.” (RANCIÈRE, 2009, p. 30).

Esse regime é uma identificação que a idade clássica chamará de belas artes, classificadas de acordo com a maneira de fazer e a apreciação de imitações bem feitas. Conclui Rancière (2009) que a *mimesis* não submete as artes à semelhança, não é um procedimento artístico e sim um regime de visibilidade, articulada por autonomia nas maneiras de fazer. Esse regime se opõe ao regime estético.

O terceiro e último regime apresentado por Rancière (2009) é o regime estético. Nele a identificação da arte não se faz na maneira de fazer, mas pelo modo sensível de ser dos produtos de arte. Estética para ele não nos remete à teoria da sensibilidade, mas sim ao modo específico daquilo que pertence à arte, “[...] ao modo de ser de seus objetos. No regime estético das artes, as coisas da arte são identificadas por pertencerem a um regime específico do sensível.” (RANCIÈRE, 2009, p. 32).

No regime estético há uma identificação da arte no singular, abstendo essa arte de toda e qualquer regra específica, de toda hierarquia de temas, gêneros e artes. Ao mesmo tempo, ele afirma a singularidade da arte e destrói todo critério pragmático dessa singularidade.

Rancière (2009) nos apresenta que o modo estético do pensamento é bem maior que um pensamento da arte. “É uma ideia do pensamento, ligada a uma ideia da partilha do sensível.” (RANCIÈRE, 2009, p. 68). O autor denomina partilha do sensível o sistema de evidências que revela a existência de um comum e do recorte que definem lugares e partes exclusivas.

A singularidade da arte propõe uma investigação do processo criativo e contemplativo que a envolve. Ao apreciar uma obra de arte podemos despertar inúmeros sentimentos. “Na arte, cria-se um mundo de fantasia, que o artista leva muito a sério, investindo grande quantidade de emoção nela, tal qual a criança que brinca e vive aquela realidade fantasiada.” (ENGELMANN, 2008, p.27).

“Diferentemente de Kant, Hegel encontrou na arte uma atividade dotada de história e desenvolveu em seus cursos a ideia da arte tanto em seu conteúdo quanto em sua forma.” (REDYSON, 2014, p. 61). “É impossível descobrir uma regra que distinga o que é belo do que não seja, quer dizer, é impossível formular um critério do belo.” (HEGEL, 1991, p. 9).

Hegel (1991) apresenta a beleza criada pela arte como a beleza da natureza, como o céu, o som e a cor. Afirma que o belo artístico é superior ao belo natural, pois é um produto do espírito que é superior. Kant (1998) apóia a beleza livre do trivial, para ele a beleza de um objeto não é restrita. O

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

objeto é chamado de belo ou não belo se o contemplador sentir ou não prazer (des) interessado. Os juízos estéticos puros estão relacionados à forma ou configuração intuitiva desses objetos.

Para Kant o gosto não é um talento peculiar ou sexto sentido. Envolve as faculdades mentais que todos possuímos para o conhecimento: imaginação e entendimento. Os indivíduos não possuem gostos iguais, em relação à capacidade de pensar, eles devem ser esteticamente exercitados e elaborados conforme a imaginação e entendimento de cada um. Para Schiller citado por Duarte (1997) as asas da imaginação permite ao homem esforçar-se rumo a um futuro ilimitado.

“Para Hegel, a noção do belo muda em função do tempo histórico.” (ENGELMANN, 2008, p. 66). A ideia do belo se altera não apenas com o passar do tempo, mas também com as mudanças culturais, transformação dos valores. A arte está inserida em um constante movimento histórico e cultural.

Como toda ciência, a teoria do belo, busca a captação de conhecimentos pelos sentidos. Ela parte dos sentidos e das experiências sensoriais resultando em um estado distinto apresentado pela lógica. Segundo Engelmann (2008) a estética trata de questões relacionadas ao belo no sentido de caracterizar uma obra de arte como tal, enquanto a filosofia da arte apresenta por finalidade investigar aspectos históricos e culturais que influenciaram um artista. Ambas têm como ponto de partida a obra de arte. A obra de arte é a única representação suscetível de nos fornecer um ponto de partida apropriado. (HEGEL, 1991).

Ao examinarmos o conteúdo do belo natural do sol “deparamos com um momento absoluto, essencial, na existência, na organização da Natureza.” (HEGEL, 1991, p. 5). Para Adorno (1970) a transição do belo natural para o belo artístico é dialética, pois se a linguagem da natureza é muda, a arte dá voz ao silêncio.

Para Hegel (1991) quando observamos o sol pelo ponto de vista de sua necessidade excluimos a beleza e permanece então a existência necessária do sol. O belo artístico é superior ao belo natural. A diferença entre ambos provém da participação no espírito. Só o espírito é verdade.

O belo natural é um reflexo do espírito, só é belo enquanto participante do espírito. Esse belo produzido pelo espírito é o objeto, “[...] só é belo o que possui expressão artística, o que é criação do espírito, e que só enquanto relacionado com o espírito ao natural se pode atribuir a beleza.” (HEGEL, 1991, p. 4).

Para Tomás de Aquino, citado por Duarte (1997) o belo é sinônimo de bom e ambos se diferem racionalmente. Os indivíduos desejam o bom, coisa particular onde repousa o apetite – o apetite forma a coisa. A noção do belo refere-se ao apetite que repousa no aspecto ou no seu conhecimento relacionado à cognição. O belo acrescenta ao bom uma ideia de relação com a virtude cognitiva. Bom é o que agrada por si mesmo, e de belo o que agrada pela percepção. Belo e bom são



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

uma mesma coisa no sujeito, pois repousam numa base comum sobre a forma. Um é predicado do outro, isto não impede que se definam racionalmente nas ideias que formamos.

Hume citado por Engelmann (2008) reduz a noção de belo ao gosto de cada um. Sem um conceito a beleza não pode ser discutida racionalmente. O reconhecimento da beleza, para Hume, ocorre de maneira individualizada, assim determinada pode tanto conduzir um indivíduo a um prazer profundo como causar indiferença a outro. O belo seria percebido pelos sentidos para depois levar à emissão de juízos de valor como bonito, feio, agradável, desagradável, entre outros.

Quando resgatamos a ideia de Platão podemos observar que a beleza pode ser idealizada, mas considerando que o mundo real é imperfeito, sua percepção torna-se difícil. (ENGELMANN, 2008). No ponto de vista do pensamento medieval vislumbramos a beleza como obra divina.

Para Kant o belo caracteriza-se por agradar mesmo que possa não ser justificado intelectualmente. É reconhecido pela sensação de prazer e não por meio de um conceito. (ENGELMANN, 2008).

Kant representa o belo como sendo um objeto de um prazer necessário, independente de todo o conceito. *Necessidade* é uma categoria abstrata que indica uma relação necessária e essencial entre dois termos: sempre que um deles está presente, também, por força desta presença, o outro está presente. (HEGEL, 1991, p. 55).

Kant vê no belo artístico uma conformidade entre o particular e o conceito. Enquanto para Schiller, citado por Hegel (1991) o belo é considerado resultado de uma fusão entre racional e sensível, lugar onde reside a verdadeira realidade.

Hirt, um dos maiores conhecedores de arte, citado por Hegel, define o belo como “a perfeição que pode atingir ou atingir um objeto visto, ouvido ou imaginado.” (HEGEL, 1991, 46).

Continua Hegel (1991) o belo para Kant é o que se pode representar fora de todo o conceito, de toda categoria do intelecto, como prazer geral. Para que o belo seja apreciado é necessário existir a presença de um espírito cultivado. O bem e o justo podem ser manifestar em ações isoladas, qualificados como uma boa ação. Enquanto que o belo tem de despertar um prazer geral sem qualquer conceito. A finalidade do belo deve residir no próprio objeto, independente da representação de qualquer fim. Existe o belo enquanto fim em si, e não há separação entre meio e fim, como se fossem faces distintas. O belo possui uma finalidade íntima, não extrínseca, mas de racional correspondência entre o exterior e o interior.

O propósito de Hegel não é demonstrar a ideia do belo como um resultado necessário, mas sim seguir o desenvolvimento da totalidade da filosofia. Os conceitos de arte e do belo são pressupostos advindos da filosofia. Existe na arte uma manifestação do espírito porque para o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

espírito se realizar podem se manifestar múltiplas formas. Essa manifestação consistirá em um resultado.

Sabemos que a diferença dos gostos se difere sendo impossível identificar regras aplicáveis à arte. As obras de arte brotaram de uma imaginação criadora. Hegel (1991) apresenta a arte como forma oposta à filosofia. O belo não poderá pertencer ao âmbito da filosofia. O âmbito do saber e da filosofia referem-se à intuição. A sensação e o sentimento referem-se à arte. A arte proporcionar-nos desenvolver raciocínios e reflexões.

Adorno citado por Pucci (2012) apresenta-nos que apesar da arte e filosofia se aproximarem em conteúdo de verdade, não são as mesmas coisas. Ambas se “complementam, ao se contraporem e se negarem mutuamente.” (PUCCI, 2012, p. 96).

Para Hegel (1991)

A arte é, pois, incapaz de satisfazer à nossa última exigência de Absoluto. Já que nos nossos dias, se não veneram as obras de arte, e a nossa atitude perante as criações artísticas é fria e refletida. [...] A obra de arte solicita o nosso juízo; seu conteúdo e exatidão são submetidos a um exame refletido. (HEGEL, 1991, p. 18).

Kant também nos apresenta o conceito de juízo estético concebido como resultado do livre jogo do intelecto e da imaginação. Desta forma o objeto referencia ao sujeito e ao sentimento de prazer e agrado. O juízo estético provém do prazer que se alcança o objeto como tal, atribuindo ao objeto um fim em si. (HEGEL, 1991).

Na filosofia estética de Kant, segundo Engelmann (2008) para a apreciação do belo devemos eliminar interesses, desejos e exigências. Cumprida essa condição, é possível apreciar o belo de maneira prazerosa. Para Pucci (2012) a teoria estética mostra-nos que a as obras de arte, além de despertar sentimentos belos, nesses mesmos sentimentos revelam o estremecido, o espanto, a dor, a negação e a esperança.

A arte promove o humano no homem, desperta sentimentos adormecidos. Hegel resume em três preposições ideias relativas à obra de arte: as obras de arte não são produtos naturais e sim produtos humanos; as obras de arte são criadas para o homem, e dirigem-se à sensibilidade do homem; e a obra de arte com um fim particular imanente.

Para Adorno “cada obra de arte é um instante; cada obra conseguida é um equilíbrio, uma pausa momentânea do processo, tal como ele se manifesta ao olhar atento.” (ADORNO, 1970, p. 17).

A arte para Hegel não é resultado da aplicação de regras práticas, nem de gênios, nem de inspiração. “É resultado da necessidade racional do homem de exaltar o mundo interior e exterior através da consciência que tem de si mesmo, no qual ele reconhece o seu próprio eu.” (Apud REDYSON, 2014, p. 63). “O talento artístico, por ser em parte natural, manifesta-se cedo, e procura



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

desenvolver-se, exercitar-se, possesso de inquietação, de uma agitação” (HEGEL, 1991, p. 43) que necessita ser explicitada.

Hegel nos apresenta o belo artístico proveniente de ideia única da realidade adequada à ideia do belo. A necessidade do belo artístico resulta de manifestações da vida, sobretudo quando a vida é animada pelo espírito. Em função do belo artístico a verdade encontra-se liberta de seu ambiente temporal, de sua peregrinação por meio de coisas finitas, adquirindo ao mesmo tempo, uma expressão exterior, digna de verdade, livre e autônoma, “pois tem sua determinação em si própria e não no que ela não é.” (HEGEL, 1991, p. 127).

A função da Arte

A função da arte se modificou com o passar dos anos. Transformações sociais e culturais da sociedade foram eixos motivadores para isto. A arte esteve a serviço da religião, da história e da política. Segundo Engelmann (2008) a arte como criação humana permite ao homem revelar sua capacidade criativa.

Na Grécia Antiga os artistas davam aos deuses formas concretas por meio da escultura. Fator que fortalecia a crença nas figuras divinas, elas deixavam de serem representações da mente para tornarem representações reais. (ENGELMANN, 2008).

Na Idade Média, a Igreja Católica apropria-se da arte para difundir sua doutrina. Foram criados símbolos baseados em figuras e ícones religiosos. Outro exemplo foi a utilização da pintura para influenciar fieis pelo aspecto emocional. No século XX citamos o Nazismo, utilizando a arte como instrumento ideológico para concretizar seu projeto político. Defendiam a necessidade de purificação da raça. “Para formular o que seria essa raça pura, basearam-se nas esculturas gregas de corpos humanos, que representavam o ideal de beleza e perfeição na Antiguidade.” (ENGELMANN, 2008, p. 62).

Na perspectiva naturalista a obra de arte é vista como um espelho que reflete a realidade. O homem por meio da arte deveria retratar a natureza com maior perfeição. De acordo com Engelmann (2008, p. 63) “a função naturalista relaciona-se com a reprodução de determinada situação ou personalidade, evocando o objeto em si e desconsiderando, em um primeiro momento, o aspecto técnico da obra de arte.”

Para Hegel (1991) a finalidade da arte é a representação sensível do belo. A função da arte consiste na conciliação da ideia e da representação sensível. Nada de abstrato deve-se incluir na arte, enuncia-se uma abstração morta como produto do intelecto irracional. O conteúdo da arte deve ser sensível e concreto por oposição. Este sensível concreto expresso num conteúdo de essência



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

espiritual torna acessível à intuição e à representação e tem por finalidade despertar um eco em nossa alma e no nosso espírito.

“Em vista deste fim, o conteúdo e a sua realização artística penetram-se reciprocamente. O que *só é* concreto sensível, a natureza exterior, não existe *só* em vista deste fim.” (HEGEL, 1991, p. 64). Hegel exemplifica que a plumagem colorida das aves também brilha quando ninguém está olhando. Flores murcham sem terem sido admiradas. A obra de arte “não representa esse isolamento desinteressado, é uma interrogação, um apelo dirigido às almas e aos espíritos.” (HEGEL, 1991, p. 64).

Para Pucci (2012, p. 97) “a obra de arte é um artefato, produto do trabalho social, sempre aberta à ‘empíria’, que ela relega, mas da qual tira o seu conteúdo.” O artista não faz uso apenas de seus olhos em relação à obra de arte, ele trabalha como um agente social por meio de seus sentidos. (PUCCI, 2012). Forma e matéria são inseparáveis. O infinito da obra de arte está nos significados propostos aos apreciadores, mesmo os mais leigos. (ENGELMANN, 2008).

Para Adorno citado por Pucci (2012) todas as obras de arte são enigmas e apresentam-se para serem decifradas. Uma reflexão filosófica se aproxima da estética no intuito de captar seu caráter enigmático. Esse caráter enigmático é diferente em cada obra de arte, mas de modo que a resposta esperada fosse sempre a mesma. Para Adorno (1970) o enigma é identificar se a promessa é fraude.

“O conteúdo de verdade das obras de arte é a resolução objectiva do enigma de cada uma delas. Ao exigir a solução, o enigma remete para o conteúdo de verdade, que só pode obter-se através da reflexão filosófica.” (ADORNO, 1970, p. 149). Isto justifica sua estética.

Desta forma podemos entender que a função da arte consiste em torná-la acessível à contemplação, mediante forma sensível e não na forma de pensamento e espiritualidade pura em geral.

Arte e Educação: o despertar do belo por meio da sensibilidade

A definição do que é arte é sempre dada previamente pelo que ela foi outrora, mas apenas é legitimada por aquilo que se tornou, aberta ao que pretende ser e àquilo em que poderá talvez tornar-se. (ADORNO, 1970, p. 13)

A arte envolve conhecimento e podemos destacar seu papel fundamental para o indivíduo e para a sociedade. A arte é uma relação “[...] integradora de emoção e razão.” (ZAGONEL, 2008, p. 29). Precisamos ativar e estimular nossas sensações, nosso potencial criativo e nossas emoções.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O indivíduo pode expressar por meio da arte seus sentimentos, angústias, alegrias, e ainda inserir-se na sociedade. “Podemos aprender a perceber o mundo, a analisá-lo e criticá-lo.” (ZAGONEL, 2008, p. 31)

A educação por meio da arte proporciona ao indivíduo o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética. De acordo com Engelmann (2008, p. 68-69) “a arte tem uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem e está relacionada com as demais disciplinas.”

No século XX tivemos importantes mudanças no ensino de arte no Brasil. Inicialmente era utilizada a pedagogia tradicional alicerçada em um procedimento de imitação e cópia. Segundo Zagonel (2008) o aluno era considerado um ser passivo que apenas recebia informações do professor.

A partir de 1930 surgem ideias escolanovistas, voltadas ao direito de educação para todos. Estabelecia um ensino público e gratuito com intuito de combater desigualdades sociais. Era proposto o desenvolvimento criativo do aluno, pois era um ser participativo do processo incentivado pela livre expressão, sempre buscando a contextualização e arte na sociedade.

Descreve Zagonel (2008, p. 78) que “[...] o processo contínuo de aprendizagem é sustentado pelo fazer e pela criação, prática considerada essencial para que o ensino seja efetivo e aprofundado.”

Na década de 1970 tínhamos dois caminhos para a arte em educação. O tradicional e/ou escolástico apoiado no conhecimento indireto, outro experimental conduzido pela atitude criadora.

Ana Mae, citada por Zagonel (2008) nos apresenta sua metodologia triangular, a *priori*, refere-se às artes visuais. Primeira é a contextualização histórica: conhecer a arte por meio de sua história; segunda é a apreciação: apreciar por meio da análise, proporcionando ao indivíduo educação ao seu senso estético, preparando-o para julgar a qualidade das imagens com objetividade e critérios. A terceira é a prática: o fazer artístico que desenvolve no indivíduo seu potencial criativo.

Para qualquer indivíduo contemporâneo bombardeado de informações é preciso despertar um senso analítico e crítico sobre a sociedade. Necessitamos de um ensino voltado à estética da arte contemporânea, pois ela é a expressão de nosso tempo. Precisamos estimular a criação de nossos alunos, promover sua expressão criativa e sua reflexão, a análise e a crítica de sua própria produção e da produção do outro, conforme Zagonel (2008).

A valorização do indivíduo e respeito mútuo faz parte do processo artístico educacional e criativo não apenas no ambiente escolar, mas também para a vida e todas as suas relações.

Por meio da arte contemporânea trabalhamos com todos os tipos de matérias, sons e movimentos. Há possibilidade de estudo de códigos e sinais diferentes como o grafismo utilizado em



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

algumas músicas, conforme exemplifica Zagonel (2008). Nossa tarefa é possibilitar ao aluno despertar percepções, emoções e sensações.

Destacamos a importância de uma educação, na qual a arte apresenta marcante característica de despertar-nos prazer e emoção. “O prazer que a arte desperta vem da forma das coisas, do som, do colorido, do ritmo, da maneira como nós percebemos essas coisas.” (COSTA, 2004, p. 21).

A função da arte, inserida no contexto escolar, desenvolve na criança uma maior capacidade de sensibilidade, percepção e imaginação da natureza ou de diferentes culturas. Ao conhecer culturas diferentes de sua realidade, por meio da arte, a criança compreende a relatividade dos valores enraizados em seu modo de pensar e agir. Valorizar sua própria cultura e reconhecer a riqueza da diversidade cultural, afirma Engelmann (2008) Todo sujeito de uma sociedade e cultura deve reconhecer a arte como forma de educar-se. A arte, segundo Pucci (2012), é uma antítese da sociedade, pois mesmo mergulhada um mundo empírico busca a transformação desse mundo.

“A educação em arte consiste em levar o aluno a perceber a infinidade de técnicas de arte e estilos em cada época.” (ENGELMANN, 2008, p. 70). Sem imposições a sensibilidade do aluno deve ser educada em função do que a obra de arte é. Precisamos desenvolver nas crianças uma educação voltada para o sentir, possibilitando-a comparação e reconhecimento de diferentes obras e técnicas.

Necessitamos promover em nossos alunos o desenvolvimento de habilidades e articulações na realização de trabalhos estéticos. Precisamos estimulá-los a valorizar a cultura e apreciar esteticamente a arte.

Atualmente os alunos reivindicam sua participação por outrora muitos, pelo modismo, omitem opiniões e escolhas. Os alunos necessitam de oportunidade para participar criativamente de seu processo de aprendizagem. Pelo fazer o aluno se familiariza com a apreensão de noções e interesse por conhecimento. (ZAGONEL, 2008).

Para educar o aluno à sensibilidade devemos devolver a ele sua consciência, proporcionando a possibilidades de perceber o significado da arte para sua vida. “A educação pela arte permite uma compreensão da realidade e da cultura, possibilita a cada sujeito a sua própria experiência estética.” (ENGELMANN, 2008, p. 70).

De acordo com Costa (2004) o prazer pelo belo depende de nosso estado de espírito. Por exemplo, se estamos alegres, ficamos mais sensíveis às obras que nos transmitem alegria. Se estivermos tristes, nos emocionamos mais com uma música ou com imagens que permitem uma sintonia com aquele momento. Muitos pensam que apenas lindas imagens são capazes de encantar pessoas. Isto é um equívoco, muitas vezes cenas ou imagens nos emocionam pelo fato de serem

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

fortes ou violentas. “A beleza não é um valor universal, o que é belo para você pode não ser para o outro [...]”. (COSTA, 2004, p. 24).

A beleza vem da emoção que temos diante de uma obra de arte, vem também da sensação de conseguirmos ver de acordo com a intenção do artista. O belo constitui-se de uma emoção despertada como também por correspondência com uma ideia transmitida, pois “[...] uma marcha fúnebre pode ser bela, apesar de ser triste.” (COSTA, 2004, p. 29). Afirma ainda a autora que o mundo da arte e nosso mundo real apresentam-nos aspectos agradáveis e alegres, como também desagradáveis e tristes.

A beleza da forma para Hegel (1991) não constitui o que chamamos de ideal, pois o ideal comporta a individualidade da forma. O ideal como unidade em si e não “apenas uma unidade exterior e formal, mas uma unidade imanente ao próprio conteúdo.” (HEGEL, 1991, p. 151).

Para Flusser (2015, p. 44) “a beleza é novidade, a originalidade de uma proposição estética. O modelo de uma experiência (obra de arte) é belo na medida em que é diferente de todo modelo precedente.” Esse modelo abre experiência quando se aproxima do real. Pode-se dizer que a beleza de uma obra é igual à quantidade de informação que contém. Para Flusser (2015, p. 45) a beleza é “sinônimo de informação em relação à experiência do real.” Ela nos propõe modificação do real. Completa Flusser (2015, p. 46)

[...] a arte está na base da comunicação humana, da sua dignidade de um ser oposto à natureza. A arte é o oposto da natureza, e o homem é um ser artificial, artístico. Se arte morre, a entropia se instala. Nós não podemos permiti-lo. Pois o homem é um ser rodeado de beleza.

O sujeito sensível é representado pela harmonia do sentimento com o objeto. Ao depararmos com uma criação da natureza ou uma criação artística somos induzidos a ter manifestações de emoções e sensações agradáveis e prazerosas ou não. De acordo com Engelmann (2008) nascemos inseridos em uma cultura social pronta, apesar do movimento da história a concepção estética já se encontra delimitada e estabelecida, e é essa cultura que nos leva a julgar algo como agradável ou prazeroso.

Este julgamento para Kant (1997) é denominado juízo de gosto, porque não é nenhum juízo de conhecimento, não é lógico e sim estético, “pelo qual se entende cujo fundamento de determinação não pode ser senão subjetivo” (KANT, 1997, p. 93). Toda referência das representações e sensações podem ser objetivas. Aprender por meio da faculdade de conhecimento é algo diverso de um ser consciente desta representação.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

As representações dadas em juízo podem ser empíricas e estéticas. O juízo proferido por meio das representações é lógico se são referidos ao objeto. Para serem racionais devem referir-se ao sujeito – sentimento, desta forma será sempre estética.

Se algo é belo “[...] não importa ou se quer possa importar algo da existência da coisa, e sim como a ajuizamos na simples contemplação (intuição ou reflexão).” (KANT, 1997, p. 95).

A faculdade do juízo para Kant é concedida por impressões dos sentidos determinada por inclinação ou princípios da razão, pela vontade ou simples formas refletidas na intuição. A determinação do sentimento de prazer ou desprazer denomina-se sensação, uma representação objetiva dos sentidos. E para não sermos falsamente interpretados chamamos de sentimento, algo que tem de permanecer subjetivo e não pode constituir representação de um objeto.

Ao julgarmos objetos por meio de conceitos toda a representação de beleza é perdida. Não existem regras para que o indivíduo reconheça algo como belo. Não devemos fundamentar nossa opinião sobre o belo, como um sentimento privado, e sim um sentimento comunicativo. Dando nosso juízo sobre os conceitos. É importante ressaltar que não somos detentores de uma única razão. Não são todos que devem concordar com nosso juízo. O que seria do amarelo, se todos gostassem do azul? Feio ou Bonito? Qual o conceito de feio para nós?

Para Garcia (2013) feio não é contrário de beleza, é uma força que se opõe a ela. O feio está na forma concreta, no que podemos apontar como grotesco. É a forma contrária do que se deseja como belo, um belo dotado de plasticidade presente nos objetos que o torna digno. (FLUSSER, 2015).

A feiura, por sua vez, habita o aprisionamento, a fraqueza sem explicação, a maldade, a desarmonia e o grotesco. No entanto, o belo pode transcender de um objeto grotesco. Mesmo porque a feiura só existe quando o discurso a indica. Por meio do pensamento exposto é possível entender que a beleza existe por si só, já a feiura é uma criação cultural, uma manipulação política, uma produção técnica que se aplica para banalizar a beleza e fazer dela um conceito para a manipulação dos homens. A beleza seria uma espécie de potencialidade das formas da natureza. A feiura, um desastre, uma aberração, um erro ocorrido, uma espécie de degeneração das formas que deveriam ser belas. (GARCIA, 2013, p. 28).

É importante ressaltar que não temos que seguir o que está instituído desde no nascimento, o que nos é imposto politicamente ou culturalmente, podemos criar, pensar, interpretar e desenvolver uma nova percepção da realidade. Somos providos de autonomia e razão para apreciar e relacionarmos com a arte. A arte penetra em nós por meio da sensibilidade, cada emoção ou prazer resultante do contato com o belo renovam nossos sentidos, cita Costa (2004). Tornamos-nos, a cada momento, aptos a captar a beleza do mundo por meio da arte.

A arte deve estar oposta a um individualismo egoísta. Deve propor eco e comunicação, com o outro e com o mundo. Exige diálogos e controvérsias, é inesgotável de interpretações e sentidos. A



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

arte é autônoma para Adorno (1970, p. 29), “sua autonomia é um ter-estado-em-devir, que constitui seu conceito, mas não a priori.” Sua ideia de liberdade está ligada à autonomia estética.

A proposta deste texto é colaborar e conscientizar não apenas alunos mas todo e qualquer indivíduo da essencial importância da arte e sua relação com a estética, não apenas para os alunos, no ambiente escolar, mas também na vida de todo e qualquer indivíduo integrante da sociedade contemporânea.

É necessário promover a valorização da arte e do belo. Precisamos ter um olhar sensível para poder desta forma, valorizar não apenas o que é belo, por nosso humilde conceito de beleza. É preciso olhar a arte esteticamente falando com os olhos da alma. Despertar em nós o sensível. Faz parte de nosso ser esse poder de sensação. É necessário uma aproximarmos do belo, e a sensibilidade é nosso ponto de partida. Vamos resgatar o que existe de belo em nossa vida. Vamos resgatar o belo no mundo. O belo não deve existir única e exclusivamente para o artista, mas sim para o artista e seu público.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Teoria estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- COSTA, Cristina. **Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico**. São Paulo: Moderna, 2004.
- DUARTE, Rodrigo. **O belo autônomo: textos clássicos de estética**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- _____. **Belo, sublime e Kant**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- ENGELMANN, Ademir Antonio. **Filosofia da Arte**. Curitiba, Ibipex, 2008.
- FLUSSER, Vilém. “A arte: o belo e o agradável” *In: Artefilosofia: antologia de textos estéticos*. Gilson Iannini (Org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, p. 42-46.
- GARCIA, Eduardo de Campos. “O belo e o feio: resquícios de um nazismo” *In Filosofia, Ciência e Vida*. Ano VII. Nº 78. Janeiro de 2013. Ed. Araguaia. São Paulo, 2013.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Estética: a ideia e o ideal. Estética: o belo artístico ou ideal**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- PUCCI, Bruno. RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- REDYSON, Deyve. **10 lições sobre Hegel**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

1986.